ESTUDO SOBRE FAUNA URBANIZADA, II: *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1783) - Psittacidae Rafinesque, 1815

Vladimir Stolzenberg Torres

[1]Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Resumo

O presente estudo discute a consolidação das cidades como ecossistemas urbanos que abrigam fauna silvestre adaptada, com ênfase na espécie *Myiopsitta monachus* (caturrita) em Porto Alegre, RS. Destaca-se que a urbanização provoca destruição e fragmentação de habitats, aumentando a interação e os conflitos entre fauna e população humana, o que pressiona espécies a desenvolver estratégias adaptativas para sobreviver em ambientes antropizados. A caturrita, que constrói ninhos coletivos em árvores, postes e torres urbanas, apresenta grande plasticidade adaptativa, com dieta polifágica e comportamento oportunista que favorecem sua proliferação. Observações indicam que sua população urbana, originada de aves escapadas ou traficadas, está estabelecida há mais de duas décadas e se beneficia da disponibilidade constante de alimento e locais de nidificação, associada a áreas verdes e infraestrutura urbana. A espécie, apesar de considerada nativa em biomas específicos, é vista como exótica invasora fora desses ambientes naturais. O manejo da espécie é complexo, pois a remoção dos ninhos pode incentivar a formação de novos. O estudo enfatiza que a fauna urbana deve ser analisada como parte integral dos ecossistemas urbanos, incluindo espécies invasoras, considerando o ambiente urbano como um ecossistema artificial com componentes naturais e adaptados. A presença e expansão da caturrita refletem sua capacidade ecológica generalista e alta tolerância à perturbação antrópica, demonstrando a complexidade da invasão biológica em ambientes urbanos.

Palavras chave: Ambiente urbano. Avifauna silvestre urbanizada. *Myiopsitta monachus*. Psittacidae.

STUDY ON URBANIZED FAUNA, II: *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1783) - Psittacidae Rafinesque, 1815

Abstract

The study discusses the consolidation of cities as urban ecosystems that harbor adapted wildlife, with an emphasis on the species *Myiopsitta monachus* (monk parakeet) in Porto Alegre, RS, Brazil. It highlights that urbanization causes habitat destruction and fragmentation, increasing interactions and conflicts between wildlife and humans, which pressures species to develop adaptive strategies to survive in anthropized environments. The monk parakeet, which builds communal nests in trees, poles, and urban towers, exhibits high adaptive plasticity, with an opportunistic and polyphagous diet that favors its proliferation. Observations indicate that the urban population, originating from escaped or trafficked birds, has been established for over two decades and benefits from constant food availability and nesting sites associated with green areas and urban infrastructure. Although considered native to specific biomes, the species is regarded as an exotic invasive outside those natural environments. Management is complex, as nest removal can stimulate the formation of new nests. The study emphasizes that urban fauna must be analyzed as an integral part of urban ecosystems, including invasive species,

considering the urban environment as an artificial ecosystem with natural and adapted components. The presence and expansion of the monk parakeet reflect its generalist ecological capacity and high tolerance to anthropogenic disturbance, illustrating the complexity of biological invasion in urban environments.

Keywords: *Myiopsitta monachus*. Psittacidae. Urban environment. Urbanized wild birds.

INTRODUÇÃO

É inegável que as cidades se consolidaram como importantes redutos ecológicos para diversas espécies animais, independentemente de sua origem. Os ambientes urbanos são então reconhecidos como ecossistemas completos, nos quais a biodiversidade interage entre si e com o meio de forma tão intensa quanto nos ambientes tradicionalmente considerados inalterados pela ação humana.

O processo de antropização se constitui, certamente, na principal causa de alterações ambientais. O mecanismo de expansão de áreas urbanas ocasiona a destruição e a fragmentação de habitats, com isto promovendo um aumento de interações indesejáveis entre a população humana e a fauna silvestre local.

A destruição e fragmentação de habitats resultam na aproximação entre o ambiente urbano e o silvestre; no aumento do número de espécies sinantrópicas; e em maior probabilidade de conflito humano-fauna (AGUIRRE, 2009). A diminuição dos espaços naturais, em especial das áreas florestadas e de outros habitats favoráveis à fauna silvestre, tem compelido os animais a desenvolverem estratégias adaptativas a sua sobrevivência no contexto urbano. Nesse contexto, destacam-se espécies que, por diferentes mecanismos, conseguem estabelecer-se nessas áreas, seja por persistência, passagem temporária ou mesmo por períodos de dormência.

A seleção de habitat constitui uma resposta comportamental adaptativa das espécies, viabilizando a discriminação seletiva entre múltiplos componentes ambientais e promovendo um uso não aleatório e desproporcional desses recursos em relação à sua disponibilidade na paisagem. O resultado desse processo seletivo é evidenciado pela distribuição espacial efetiva dos indivíduos nos distintos tipos de habitat, refletindo decisões comportamentais que influenciam a dinâmica populacional e a estrutura das comunidades.

Em virtude dessa conjuntura, a fauna que habita os ambientes urbanos, especialmente a avifauna, tem suscitado considerável interesse entre os pesquisadores. Pesquisas desenvolvidas nas áreas periféricas ao perímetro urbano têm focalizado, sobretudo, as alterações na abundância relativa e nos parâmetros demográficos das espécies de aves em função do processo de urbanização (MARZLUFF, 2001). O volume de pesquisas que abordam as respostas das aves à urbanização é expressivo e continua em expansão (CHACE; WALSH, 2006). Tal crescimento está associado à elevada riqueza, abundância, diversidade morfológica e ecológica do grupo, bem como à facilidade de amostragem e monitoramento, uma vez que a maioria das espécies pode ser identificada por observadores devidamente treinados. Ademais, as aves apresentam elevada sensibilidade às alterações na estrutura e na composição dos habitats, configurando-se, assim, como excelentes indicadores de mudanças e pressões nos ecossistemas urbanos (SAVARD; FALLS, 1982; CLERGEAU et al., 1998).

Em decorrência desse processo e da respectiva definição legal, observa-se a presença de avifauna predominantemente silvestre estabelecida em ambientes urbanos, onde consegue prosperar em seu ciclo vital. Entretanto, as variações na riqueza da avifauna entre cidades situadas em uma mesma região geográfica podem refletir distintos níveis de perturbação nas áreas naturais adjacentes (WILLIS, 2000). De forma complementar, destaca-se que as comunidades de aves em ambientes urbanos dependem não apenas do porte da cidade, mas também da localização da área estudada dentro do espaço urbano e, especialmente, da estrutura do hábitat local, visto que diferenças nesse último influenciam diretamente a abundância das aves (JOKIMAKI; KAISANLAHTI-JOKIMAKI, 2003).

As áreas verdes urbanas desempenham papel fundamental na conservação das aves (ARGEL-DE-OLIVEIRA, 1995). Parques e espaços verdes configuram “ilhas” e corredores que apresentam grande relevância para as populações aviárias, embora tais ambientes sejam insuficientes para garantir “refúgios” para todas as espécies do grupo (MATARAZZO-NEUBERGER, 1995; ARGEL-DE-OLIVEIRA, 1996). Nesse contexto, tais áreas assumem papel essencial na manutenção da avifauna em zonas urbanas, visto que parques e praças podem funcionar como refúgios ou

"ilhas" para espécies que, pressionadas pela degradação dos habitats naturais, conseguem adaptar-se às condições adversas impostas pela urbanização (MATARAZZO-NEUBERGER, 1995; ARGEL-DE-OLIVEIRA, 1996).

Desta forma, o presente estudo ensejou a realização de uma análise a respeito da fauna silvestre, neste estudo focada em Caturritas, *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1783) - Psittacidae Rafinesque, 1815 estabelecidas em ambiente urbano e, com isto, passível de uma recategorização, qual seja, a de fauna silvestre urbanizada.

MATERIAL E MÉTODOS

O clima de Porto Alegre, segundo o modelo de classificação climática de Köppen, é identificado como subtropical úmido (Cfa). A temperatura média anual é de 19,7°C; com o verão se apresentando quente e abafado e o inverno, fresco; apresentando precipitação pluviométrica média anual, na ordem de 1580 mm.

Foram observadas várias metapopulações no interior do perímetro urbano de Porto Alegre, RS; município que se apresenta como uma área de Tensão Ecológica, na condição de bioma de transição, entre os biomas Planície Litorânea (áreas de formações pioneiras) a Sul, Leste e Oeste, Floresta Estacional Semidecidual ao Nordeste e Floresta Estacional Decidual a Noroeste, podendo ainda se considerar uma certa influência a partir do Sudoeste da Floresta Estacional Semidecidual e Savana.

As observações foram realizadas desde 2020, sempre que possível, com o auxílio de um binóculo 30 x 50 mm e celular com assessórios para ampliação de imagens na ordem de um zoom de 30x.

A nomenclatura e a ordem taxonômica de *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1783) - Psittacidae Rafinesque, 1815 seguiu a classificação adotada na mais recente lista do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2021).

A taxonomia das espécies vegetais foi revisada empregando-se as bases de dados do Missouri Botanical Garden <https://www.tropicos.org/home> e do REFLORA - Plantas do Brasil <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do >.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Torres (obs. pessoal) define a fauna silvestre urbanizada como:

> "*... termo usado para descrever animais que*

> *adaptaram seu estilo de vida para viver nas cidades e áreas suburbanas. Apesar dos primeiros esforços dos humanos para livrar a cidade dos animais selvagens, eles finalmente retornaram e se misturaram à vida urbana quase perfeitamente*".

O artigo 29 da Lei Federal N° 9.605/1998 (BRASIL, 1998), estabelece:

> §3° *São espécimes da fauna silvestre todos* aqueles pertencentes às espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, aquáticas ou terrestres, *que tenham todo ou parte de seu ciclo de vida ocorrendo dentro dos limites do território brasileiro*, ou águas jurisdicionais brasileiras. **(*grifos nossos*)**

Interessante apropriar-se de informações proporcionadas pela Portaria IAP Nº 59/2015 (PARANÁ, 2015):

> *"Art. 2º Para os efeitos desta Portaria, entende-se por:*
> *[...]*
> *IV - Distribuição Natural: ambiente natural onde uma espécie se originou e evoluiu, estando em equilíbrio natural com a biota respectiva;*
> *[...]*
> *XI - Espécies de Ambiente Urbano e Periurbano: todos aqueles animais cuja ocorrência está estreitamente associada à presença antrópica, sendo mais comuns em ambientes urbanos do que em ambientes naturais;".*

De acordo com Torres (2020),

> "*A população* (de *M. monachus*)* *da capital é oriunda de escapes ou solturas de aves nascidas em cativeiro ou trazidas de outras regiões via tráfico de fauna silvestre estando estabelecida há mais de 20 anos na cidade. Não há uma estimativa do número de indivíduos que vivem em Porto Alegre, mas, bandos de mais de 20 indivíduos não são raros*" (TORRES, 2020, p. 255). ****nostrum inclusion***!

Dentre os psitacídeos esta é a única espécie que constrói seu próprio ninho com gravetos (fig. 1), que nidifica em grandes grupos comunais, e que pode apresentar reprodução cooperativa. Navarro et al. (1992) observaram que, ninhos em árvores altas (fig. 2), destacando-se os eucaliptos, possibilitavam um maior sucesso reprodutivo com uma taxa de sobrevivência dos filhotes, mais significativa, no que deva se relacionar a uma maior dificuldade de acesso de predadores.



Figura 1. Exemplares de no interior de um ninho na Praça Japão (fonte: banco de imagens do autor).



Figura 2. Dois ninhos, ambos coletivos, no alto de exemplares de eucaliptos, *Eucalyptus* sp (Myrtaceae), na Praça Leda Schneider (fonte: modificado de Google Maps - agosto de 2024).

A cópula, antecedida da corte, foi de difícil visualização, assemelhando-se ao relatado por Bastos (1994), haja vista que o ato, em geral, se deu em elementos urbanos altos e, no caso das espécies arbóreas, àquelas de folhagem densa; mas, ainda assim, pôde ser observada em alguns momentos.

O período reprodutivo da espécie estende-se de outubro ao início de janeiro, apresentando uma fecundidade média de 4 a 8 ovos por casal. Os ovos são caracterizados por coloração branca opaca, com massa média de aproximadamente 7 g e dimensões morfométricas de cerca de 26 mm em comprimento por 21 mm em largura (SICK, 2001).

No contexto urbano, Torres (2020), relata que esta espécie expressou inúmeras vantagens adaptativas neste tipo de ambiente, construindo ninhos em

árvores (figs. 1-2), palmeiras, postes de energia elétrica e torres de telefonia celular (fig. 3). Ainda em conformidade com Navarro et al. (1992), os postes de eletrificação, também empregados como suporte na construção dos ninhos, podendo ser objeto de curto circuitos em decorrência de contatos entre fios através dos gravetos que fazem parte dos complexos ninhos.



Figura 3. Ninho coletivo no alto de torre de telefonia celular (fonte: banco de imagens do autor).

No que concerne ao manejo, a remoção dos ninhos pode, de fato, exacerbar o problema, uma vez que indivíduos que habitam ninhos compostos tendem a estabelecer novos ninhos individuais subsequentes à remoção.

Verificou-se incremento na ocorrência associado à presença de áreas antropogênicas na paisagem. Ademais, a composição paisagística revelou forte correlação com os padrões de ocorrência, em virtude da oferta de sítios potencialmente adequados à nidificação e da elevada disponibilidade de recursos alimentares, os quais, em conjunto, configuram condições favoráveis à manutenção da espécie.

Conforme Perrella (2010), esta espécie se beneficia de áreas antropizadas, expressando plasticidade adaptativa que se relaciona, particularmente, com seu diversificado hábito alimentar e, a preferência por áreas abertas para nidificação.

No que tange a alimentação, percebe-se uma polifagia que compreende sementes, frutos e grama (capim) conforme a época do ano e a consequente disponibilidade. Do estudo de Torres (2020) se extrai que indivíduos foram observados forrageando:

> "*os frutos (rompendo-os) e se apropriando das sementes de Ligustro, Ligustrum lucidum W.T. Aiton (Oleaceae) [...], no bairro Jardim Lindóia, consumindo frutos de Nespereira, Eriobotrya japonica Thunb. (Rosaceae),*

> *de Butiazeiro, Butia aff. capitata (Mart.) Becc. (Arecaceae), e de Amoreira, Morus nigra L. (Moraceae), no bairro Jardim Sabará [...], Azevem, Lolium multiflorum L. (Poaceae), na Praça Dr. Samir Squeff; também observado na Praça Leda Schnneider, onde consome, algumas vezes, milho (Zea mays L. - Poaceae) presente em oferendas de rituais de matriz africana*" (TORRES, 2020, p. 256).

O estudo de Dahlem (1994), muito embora realizado em área silvestre, traz interessante relação de alimentos observados na dieta desta espécie, destacando-se os não cultivados (entenda-se exploração agrícola), principalmente sementes, em variedade e quantidade, a saber, 38 diferentes itens alimentares, identificados a nível de gênero ou espécie, classificados em 17 famílias.

Das espécies relacionadas, ou citadas por Dahlem (1994), são encontradas no contexto do ambiente urbano e, podendo então ser consumidas: *Eleusine indica* (L.) Gaertn. (Poaceae), *Amaranthus* sp (Amaranthaceae), *Cirsium vulgare* (Savi) Ten. (Asteraceae), *Cynodon dactylon* (L.) Pers. (Poaceae), *Cyperus* sp (Cyperaceae), *Medicago* sp (Fabaceae), *Polygonum* sp (Polygonaceae), *Rumex* sp (Polygonaceae), *Hypoxis decumbens* L. (Hypoxidaceae), *Stellaria media* (L.) Vill. (Caryophyllaceae), *Commelina aff. robusta* Kunth. (Commelinaceae), e *Chenopodium album* L. (Chenopodiaceae).

Finalmente, a Portaria IAP Nº 59/2015 (PARANÁ, 2015) agrega uma interessante particularidade, que pode ser apropriada para o manejo de *M. monachus* no contexto urbano de Porto Alegre, qual seja, esta espécie possui origem e, por conseguinte, ocorrência natural em área de Floresta Estacional Semidecidual, e Floresta Ombrófila Mista Montana, com isto sendo perfeitamente inferível que, em qualquer ocorrência externa a estes tipos florestais, permite considera-la como exótica invasora.

CONCLUSÕES

A disponibilidade de alimentos em abundância ao longo de todo o ano, acrescida de ambientes propícios para a construção de ninhos que servem como refúgio ao longo de todo o ano, aliada à notável capacidade de adaptação às variações ambientais, confere à caturrita uma considerável potencialidade de crescimento populacional.

Em se tratando o ambiente urbano como um ecossistema artificial, todos os seus componentes (fauna, flora, e funga, como destaque) devem ser analisados como naturais do mesmo, ou, em alguns casos, a exemplo de *M.*

monachus, como espécies exóticas invasoras naquele contexto específico.

A predição da invasão biológica por uma espécie revela-se intrinsecamente complexa; entretanto, atributos específicos da mesma, assim como, características ambientais e particularidades do processo de introdução atuam como determinantes para a avaliação do potencial de estabelecimento demográfico e expansão espacial bem-sucedidos, culminando na consolidação da espécie como invasora em ecossistemas receptores.

As observações obtidas permitem inferir que o incremento da representatividade antrópica está associado ao aumento da probabilidade de ocorrência da espécie na paisagem. Tal relação decorre de seu comportamento ecológico generalista e oportunista em termos alimentares, caracterizado pela elevada tolerância à presença humana e pela capacidade de explorar de forma eficiente os recursos oriundos de ambientes modificados.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, A. A. Wild canids as sentinels of ecological health: a conservation medicine perspective. **Parasites & Vectors**, v. 2, Suppl. 1, 8p. 2009.

ARGEL-DE-OLIVEIRA, M. M. Aves e vegetação em um bairro residencial da cidade de São Paulo (São Paulo, Brasil). **Revta. bras. Zool.**, v. 12, n. 1, p. 81-92, 1995.

ARGEL-DE-OLIVEIRA, M. M. Subsídios para a atuação de biólogos em educação ambiental: o uso de aves em educação ambiental. **Mundo de Saúde**, v. 20, n. 8, p. 263-270, 1996.

BASTOS, V. L. **Contribuição ao estudo reprodutivo e comportamental de *Myiopsitta monachus monachus* (Boddaert, 1783), (Aves: Psittaciformes) na fazendo Linck, município de Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul**. 1994. XXf. Dissertação (Mestrado em Biociências) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1994.

BRASIL. **Lei Federal Nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.

CHACE, J. F.; WALSH, J. J. Urban effects on native avifauna: a review. **Landscape Urban Plan.**, v. 74, p. 46-69, 2006. DOI: http://dx.doi.org/10.1016/j.landurbplan.2004.08.007

CLERGEAU, P., SAVARD, J.-P. L., MENNECHEZ, G., FALARDEAU, G. Bird abundance and diversity along an urban-rural gradient: a comparative study between two cities on different continents. **Condor**, v. 100, p. 413-425, 1998. DOI: http://dx.doi.org/10.2307/1369707

CBRO - Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Lista das aves do Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.cbro.org.br/wp-content/uploads/2020/06/avesbrasil_2014jan1.pdf >. Acesso em 04 de Ago. 2025.

DAHLEM, C. A. C. Hábitos de forrageamento de *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1783) (Aves, Psittaciformes) em pomares e lavouras do Rio Grande do

Sul, Brasil. Comun. Mus. **Ciênc. Tecnol. PUCRS**, Sér. Zool., v. 7, p. 211-223, 1994.

JOKIMÄKI, J.; KAISANLAHTI-JOKIMÄKI, M.-L. Spatial similarity of urban bird communities: a multiscale approach. **Journal of Biogeography**, v. 30, n. 8, p. 1183-1193, 2003. DOI: https://doi.org/10.1046/j.1365-2699.2003.00896.x

MARZLUFF, J. M. Worldwide urbanization and its effects on birds. p.19-47. In: MARSLUFF, J. M.; BOWMAN, R.; DONNELLY, R. **Avian ecology and conservation in an urbanizing world**. Kluwer Academic Publishers, Boston. 2001.

MATARAZZO-NEUBERGUER, W. M. Comunidades de aves de cinco parques e praças da Grande São Paulo, Estado de São Paulo. **Ararajuba**, v. 3, p. 13-19, 1995.

NAVARRO, J. L.; MARTELLA, M. B.; BUCHER, E. H. Breeding season and productivity of Monk Parakeets in Cordoba, Argentina. **The Wilson Bulletin**, v. 104, n. 3, p. 413-424, 1992.

PARANÁ. **Portaria IAP Nº 59 de 15 de abril de 2015**. Reconhece como espécies exóticas invasoras no estado do Paraná as espécies relacionadas nos Anexos 1 (Plantas), 2 (Vertebrados) e 3 (Invertebrados) da presente Portaria.

PERRELLA, D. F. Ocorrência de caturrita, *Myiopsitta monachus* (Psittaciformes: Psittacidae) no município de Ibiúna, SP. **Atualidades Ornitológicas**, n. 153, p. 10-11, 2010.

SAVARD, J. P. L.; FALLS, B. J. Influence of habitat structure on the nesting height of birds in urban areas. **Can. J. Zool.**, v. 59, p. 924-932, 1982. DOI: http://dx.doi.org/10.1139/z81-132

SICK, H. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997.

TORRES, V. S. Estudo sobre fauna urbanizada, I: Psittaciformes na cidade de Porto Alegre, RS. **UNISANTA Bioscience**, v. 9, n. 3, p. 252 - 264, 2020.

WILLIS, E. O. Ranking urban avifaunas (Aves) by number of localities per species in São Paulo, Brazil. **Iheringia**, Sér. Zool., v. 88, p. 139-146, 2000.